



A POESIA INFANTIL DE TATIANA BELINKY: SOBRE LIMERIQUES DO BÍPEDE APAIXONADO E OUTRAS OBRAS

TATIANA BELINKY'S CHILDREN'S POETRY: ABOUT LIMERIQUES DO BÍPEDE APAIXONADO AND OTHER WORKS

Ana Paula Serafim Marques da Silva
Universidade Federal da Paraíba
anapaulasms0108@gmail.com

Sandrelle Rodrigues de Azevedo  0000-0001-8402-7785
Doutoranda em Letras – Literatura
Universidade Federal da Paraíba
sandrellecc@gmail.com

José Hélder Pinheiro Alves  0000-0001-8402-7785
Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino
Universidade Federal de Campina Grande
helder.pinalves@gmail.com

Recebido em 29 de julho de 2021

Aceito em 13 de outubro de 2021

Resumo: Partindo dos paradigmas propostos por Camargo (2001), fazemos, neste artigo, uma breve retomada dos principais autores da poesia infantil brasileira, comentando um pouco sua produção e representatividade. Em seguida, trazemos de forma mais particular a obra de Tatiana Belinky (1919-2013), por meio da apresentação de alguns de seus livros de poemas, construídos com uma enorme diversidade de limeriques. Posteriormente, voltamos-nos para o livro *Limeriques do bípede apaixonado* (2004), ilustrado pelo chileno André Sandoval (1973). Nessa obra, detemos-nos no diálogo texto e imagem que permeia o livro em sua totalidade, conferindo-lhe um caráter poético-narrativo. Como base teórica, adotamos as considerações de Mota (2018), Bordini (2003), Ferreira e Valente (2013), Camargo (1999), Nicolajeva (2011) e Linden (2011). Em nossa análise, verificamos que os limeriques de Belinky e as ilustrações de Sandoval se complementam, estimulando a imaginação e a criatividade do leitor.

Palavras-chave: Tatiana Belinky; Poesia Infantil contemporânea; Limeriques.

Abstract: Based on the paradigms proposed by Camargo (2001), in this article, we briefly review the main authors of Brazilian children's poetry, commenting a little on their production and representation. Then, we bring in a more particular way the work of Tatiana Belinky (1919-2013), through the presentation of some of her poem books, built with a huge diversity of limericks. Later, we turn to the book *Limeriques do bípede apaixonado* (2004), illustrated by Chilean André Sandoval (1973). In this work, we focus on the text and image dialogue that permeates the book in its entirety, giving it a poetic-narrative character. As a theoretical basis, we adopted the considerations of Mota (2018), Bordini (2003), Ferreira and Valente (2013), Camargo (1999), Nicolajeva (2011) and Linden (2011). In our analysis, we found that Belinky's limericks and Sandoval's illustrations complement each other, stimulating the reader's imagination and creativity.

Keywords: Tatiana Belinky; Contemporary Children's Poetry; Limericks.

Introdução

A hoje denominada poesia infantil foi uma das primeiras manifestações literárias dirigidas ao público infantil na transição do século XIX ao século XX, época em que ganhava *status* em sala de aula por atender às exigências escolares de divertir e de instruir. Emergida, então, no ambiente escolar, como instrumento manipulado por uma intenção educativa, a poesia infantil vincula-se com a pedagogia e cresce de braços dados com a escola, voltando-se principalmente para a aprendizagem da língua portuguesa e para exaltar o ensino da moral, do civismo e, nalguns casos, da fé.

Luís Camargo (2001) divide a poesia infantil brasileira em três paradigmas. O primeiro deles, em “[...] função desse forte vínculo com a escola, até os anos 60, a poesia infantil parece seguir um *paradigma moral e cívico*, aconselhando aos pequenos leitores o bom comportamento e o civismo.” (CAMARGO, 2001, p. 88). Algumas obras publicadas nesse contexto de utilização como recurso didático no meio escolar foram: *Álbum das crianças* (1896), de Figueiredo Pimentel (1869-1914); *Livro das crianças*, (1897), de Zalina Rolim (1867-1961); *Poesias infantis* (1904), de Olavo Bilac (1865-1918); *Páginas infantis* (1908), de Presciliana Duarte de Almeida (1867-1944); *Alma infantil* (1912), de Francisca Julia (1871-1920) e Julio da Silva (1872-1936), entre outros.

De forma já diferenciada, o segundo paradigma é nomeado por Camargo (2001, p. 90) como o *estético*. As obras que surgem passam a privilegiar o trabalho com a linguagem, caracterizando-se pelo ludismo sonoro e pelo humor, ou seja, o jogo com a sonoridade, o ritmo, a música das palavras e a narração de breves cenas cômicas. No plano formal, se dá a exploração de versos regulares, a combinação de diferentes metros, o verso livre, a aliteração, a assonância e a rima. Como exemplo, temos *O menino Poeta*, publicado em 1943, de Henriqueta Lisboa (1904-1985), que inicia a quebra do paradigma anterior, já que não foi publicado por editoras de livros didáticos, ou seja, rompendo com a ligação dos livros de poesia infantil com a escola (SOUZA, 2000). Essa nova fase do gênero vai se concretizar com a publicação de *A televisão da Bicharada* (1962), de Sidónio Muralha (1920-1982); *Ou isto ou aquilo* (1964), de Cecília Meireles (1901-1964); e *A arca de Noé* (1970), de Vinicius de Moraes (1913-1980). Dentre os citados, destaque-se o livro de Cecília Meireles que pode ser considerado a obra mais completa de nossa poesia infantil e que se constituiu, por si só, um modelo para a rica produção que veio posteriormente.

Para finalizar a categorização designada por Camargo (2001, p. 92), o terceiro e último é o *paradigma lúdico*. Nesse eixo, observa-se a nítida preferência pelo humor e pelo ludismo sonoro¹. Os principais representantes são José Paulo Paes (1926-1998) e Sergio Caparelli (1947). A publicação infantil de José Paulo Paes começa tardiamente em sua vida, vindo a publicar sua primeira obra, *É isso ali*, em 1984. Principalmente durante a década de 1990 intensificará sua produção para crianças, publicando *Olha o bicho* (1989), *Poemas para brincar* (1990), *O menino do olho d’água* (1991), *Uma letra puxa outra* (1992), *Um número depois do outro* (1993), *Lé com cré* (1994), *Um passarinho me contou* (1996) e *Ri melhor quem ri primeiro* (1998). Já a trajetória de Caparelli é iniciada com a publicação de *Boi da cara preta* (1983), seguido de *A jiboia Gabriela* (1984), *Come-vento* (1987), *Tigres no quintal* (1988), obras que visam um

¹ Essa divisão proposta pelo poeta e escritor Luís Camargo ajuda a situar nossa lírica infantil, no entanto, não deve ser tida de modo definitiva. Por exemplo, encontramos muitos poemas que primam pelo lúdico nas obras do denominado segundo paradigma.

público mais infantil. Em 1985, publica *Restos de Arco-Íris*; em 1996, *33 cyberpoemas e uma fábula virtual*, essas últimas obras voltadas para um público mais jovem/adolescente.

Conforme Camargo (2001), Tatiana Belinky, ao lado de José Paulo Paes e de Sérgio Capparelli, famosos por serem poetas-tradutores, enriqueceram o acervo de poesia infantil à disposição da criança brasileira graças às suas traduções de autores russos, alemães, hebraicos, ingleses, etc. O inventar palavras, recorrer a ritmos, aliterações, trocadilhos e rimas, mexer com a sintaxe de forma pouco usual fazem parte tanto da lavra poética de Paes, de Caparelli, de Belinky como de tantos outros poetas e poetisas contemporâneos que brincam com as palavras.

Nesse artigo, valorizando o trabalho cuidadoso e desprendido com a linguagem que caracteriza a produção poética para infância de Tatiana Belinky, voltamos-nos, inicialmente, para apresentação de alguns livros de poemas construídos pela autora com uma enorme diversidade de limeriques, e, posteriormente, deteremos-nos no livro *Limeriques do bípede apaixonado*, ilustrado por André Sandoval, focando no importante diálogo texto-imagem que permeia a obra em sua totalidade, conferindo-lhe um caráter narrativo.

1. “Di-versos”, caldeirões e limeriques

A escritora Tatiana Belinky (1919-2013) nasceu na Rússia e mudou-se para o Brasil em 1929, aqui permanecendo até a morte. Toda sua produção literária foi escrita em língua portuguesa e ela considerava-se, portanto, uma russa brasileira.

Conforme Bordini (2003), Belinky, juntamente com Ricardo Azevedo e Ciça Fittipaldi², é a herdeira do folclore infantil, viés que mais se entrelaça com a expressividade e com a sensibilidade das crianças, jogando com temáticas como a da superstição, do temor e do afeto. Este viés do folclore comparece sobretudo na larga tradução de poemas que realizou, muitos da tradição russa. Para Bordini (2003), na poesia destinada ao público infantil, em muitos casos, impera o infantilismo, a imbecilização das fórmulas verbais com diminutivos e adjetivações, procedimentos que desestimulam a reflexão e a crítica dos leitores e subestimam a capacidade infantil. Isso não acontece na poesia de Belinky, cuja obra encanta tanto pela forma como pela leveza e pelo jogo livre e criativo.

Belinky ficou conhecida, inicialmente, por levar para a TV, a partir de 1952, a obra infantil de Monteiro Lobato. Durante muito tempo, dedicou-se ao “Teatro para juventude”, escrevendo peças e, sobretudo, fazendo traduções adaptadas para o referido público leitor³. Só a partir da década de 1980, a autora começa a publicar para crianças, inicialmente traduzindo e adaptando poemas de poetas russos, alemães, de língua inglesa e hebraicos. Estas obras iniciais receberam o nome de *Di-versos russos*

² A produção de Ciça Fittipaldi envolve cosmologias indígenas e africanas. Contemporaneamente, autores indígenas e negros questionam e combatem a categorização de seus conhecimentos válidos a partir do rótulo “folclore”, uma vez que finda reduzindo esses saberes ao viés da superstição, estereotipando-os.

³ A autora também se destacou por sua produção teatral. Em *Teatro Para a Juventude* (2005), por exemplo, Tatiana apresenta quatro adaptações para o teatro de “Édipo Rei”, “Os Dois Turrões”, “As Orelhas Do Rei”, e “Muitas Luas”. Os contos adaptados foram encenados por atores do Teatro Escola de São Paulo e atrizes remanescentes do Teatro Amador do SESC com o nome de “Teatro da Juventude”.

(BELINKY, 1990), *Di-versos hebraicos* (BELINKY, 1991) e *Di-versos alemães* (BELINKY, 1993).

Sua obra mais conhecida e premiada é *Um caldeirão de poemas* (BELINKY, 2003), apresentada por Nelly Novaes Coelho, composta por traduções de poemas de autores como Bertolt Brecht, Edward Lear, Emily Dickinson, Goethe, Heine, Lewis Carrol, Pushkin, Whitman, dentre outros, além de alguns poemas autorais. Em sua apresentação, Nelly N. Coelho afirma que a escritora “[...] reuniu uma boa safra de textos poéticos, ora alegres, ora líricos, ora absurdos e divertidos, ora tristes.” E destaca ainda que muitos destes poemas pertencem “[...] ao folclore de vários países; outros, escritos por grandes mestres da poesia universal e que Tatiana vem traduzindo, adaptando ou recriando, em mais de meio século de dedicação à literatura.” (COELHO, 2004, p. 5). Em 2007, a escritora lança *Um caldeirão de poemas 2*, na mesma linha do anterior, agora com mais poemas autorais. Nele, com apresentação de Heloisa Prieto, Belinky reúne clássicos da poesia adaptados e traduzidos, que misturados às criações da autora, resultam em 53 (cinquenta e três) poemas, ilustrados por 21 (vinte e um) artistas.

Entretanto, os poemas autorais vão comparecer no primeiro livro, publicado em 1987, *Limeriques*, obra em que explora a forma poética inglesa e que será retomada em dezenas de livros posteriores. O uso dessa forma será o grande diferencial e destaque da produção literária de Belinky e perpassará praticamente toda sua obra⁴.

Os limeriques são poemas monoestróficos repletos de humor, construídos com apenas cinco versos com esquema métrico fixo (primeiro, segundo e quinto verso com oito sílabas poéticas e terceiro e quarto com 5 sílabas); as rimas ocorrem entre os versos do mesmo número de sílabas, portanto, o sistema de rimas se constitui do seguinte modo: AA-BB-A. O ritmo deste modelo de estrofe lembra um pouco a nossa sextilha, que tem presença marcante na literatura de cordel. Do ponto de vista da temática ou do assunto, tais poematos seguem a seguinte estrutura: um “personagem”, em algum lugar, fazendo alguma coisa. A abordagem é sempre bem-humorada, com um viés alegre, brincalhão, muitas vezes explorando o *nonsense*. Essas características, marcadas por um tom que foge ao pedagogismo, parecem bastante apropriadas ao leitor infantil.

Os limeriques tiveram origem na cidade de Limerick, na Irlanda, configurando-se como um tipo de estrutura poética pertencente ao folclore de países de língua inglesa, que tem como precursor e grande difusor o poeta inglês Edward Lear (1812- 1888). Cartunista, ilustrador e artista plástico, esse poeta publicou, em 1846, o *A Book of Nonsense*, uma coleção adaptada de limeriques e ilustrações.

Aqui no Brasil, esta forma lírica vem sendo cultivada com mais frequência a partir do final do século XX e tem como sua grande representante a escritora Tatiana Belinky. O primeiro livro integralmente de limeriques de Belinky a que tivemos acesso foi *Desastreliques* (2000), ilustrado por Liliane Romanelli. Conforme o título indica, são poetizados pequenos “desastres” no cotidiano de uma criança. Um dado que podemos considerar inovador no livro é que busca expressar a voz da criança, seu ponto de vista, suas justificativas sobre os acontecimentos. No primeiro poema, o eu lírico se coloca, ao modo de uma criança que busca explicar o que lhe acontece:

⁴ Dois artigos abordam a produção de limeriques de Tatiana Belinky: primeiro, Valente (2012), que em “Gêneros poéticos na escola de hoje”, lembra que esta forma “tem grande apelo ao imaginário, permitindo um jogo de palavras muito próximo ao das parlendas e lenga-lengas” (VALENTE, 2012, p. 119). O segundo, de Ferreira (2012), em que discute “poesia e imagem no livro infantil”. Neste artigo, a autora analisa sobretudo o livro *Limeriques da Cocanha*, apontando a riqueza do diálogo texto e imagem na obra.

Sem ter culpa, eu vivo em perigo
Porque as COISAS implicam comigo:
Faço nada errado,
Até comportado sou –
São as coisas que brigam comigo!
(BELINKY, 2000, s/p).

As tentativas de explicação sobre os acontecimentos indesejados, sempre culpando os objetos, preside quase todos os poemas, favorecendo um tom de brincadeira, bem-humorado, como se pode observar a seguir:

Eu só estava pulando, mais nada.
Ao redor da mesinha quadrada.
Quando assim, de repente,
Esta mesa indecente
Com seu canto, me deu uma bicada!
(BELINKY, 2000, s/p).

Outros objetos entram no rol da culpabilidade dos incidentes, como a cadeira que “Me passou uma rasteira!”, a “mesa malvada/ Me deu baita pancada.”. Ou ainda a “porta de mola” que na “entrada da escola”/ “na testa me fez este galo!” e a casca de banana que “Me atacou e me deu baita tombo!” Os doze poemas que compõem o livro trazem esse caráter lúdico, brincalhão, que foge de uma certa tradição pedagogizante.

Em 2001, Belinky publica mais um livro de limeriques, cujo título é também um neologismo: *Mandaliques*. Trata-se de retratar situações em que a “personagem” baderneira é quase que enxotada por diversas pessoas em diferentes lugares. Os poemas podem ser lidos em qualquer sequência e também individualmente. Uma quadra inicial situa a condição do “baderneiro”:

Sou um infeliz baderneiro.
Só quero fugir bem ligeiro:
Me mandaram pra Marte
Ou pra qualquer parte.
(BELINKY, 2001, p. 6).

Há em todo o livro uma criativa retomada de expressões populares, com caráter de xingamento ou não, como: “Vai carregar piano!”, “Vai plantar batatas!”, “Vai enxugar gelo!”, “Vai ver se eu estou na esquina!”, “Vai lambar sabão!”, entre outras. Observemos um destes aproveitamentos:

Em turma, uns cinco velhacos,
Zurrando e coçando os sovacos,
Chegaram zombando
E me enxotando:
- Dá o fora, vai pentear macaco!
(BELINKY, 2001, p. 24).

No último limerique, após enfrentar mais de uma dezena de enxovalhos, de ordenações, o eu lírico revela seu desejo de se rebelar contra todos:

Só espero um dia que chegue
Que eu possa montar no meu jegue
E todos aqueles
Mandões, todos eles,
Mandar: - Pro Diabo que os carregue!
(BELINKY, 2001, p. 32).

Destaque-se, ainda nesta obra, composta por 14 poemas, o projeto gráfico e as ilustrações. Há todo um jogo de cores com as próprias palavras, com ênfase para o último verso que sempre vem numa cor diferente dos anteriores.

Vários outros livros também exploram o viés engraçado e brincalhão do cotidiano de crianças e de adultos. Nesse sentido, temos *Limeriques da coroa implicante* (BELINKY, 2006), ilustrado por Elisabeth Teixeira; *Língua de criança: limeriques às soltas* (BELINKY, 2011), ilustrado por Cláudia Scatamacchia; *Limeriques estapafúrdios*, (BELINKY, 2014), ilustrado por Catarina Sobral, dentre outros livros. Ainda no âmbito da poesia, a autora também publicou um livro de *Quadrinhas* (BELINKY, 2014), com ilustrações de Yara Kono. Trata-se de uma narrativa em verso, em que a personagem enuncia sua visão sobre diferentes situações cotidianas, sempre de um modo livre e sincero:

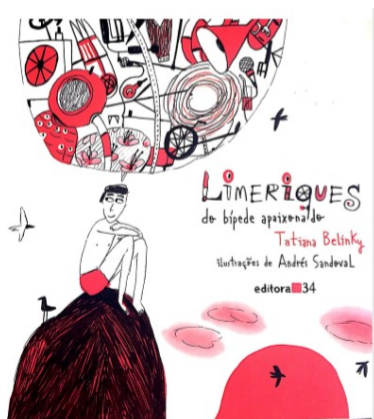
No fundo, sou preguiçosa,
Mas do meu tempo senhora.
Mesmo missão perigosa
Eu cumpro – na última hora!
(BELINKY, 2014, s/p.).

Feita esta rápida apresentação da poesia de Tatiana Belinky, voltaremos-nos agora para uma análise mais detida de um de seus livros, o *Limeriques do bípede apaixonado* (BELINKY, 2004), ilustrado por André Sandoval.

2. Aventuras de um bípede apaixonado

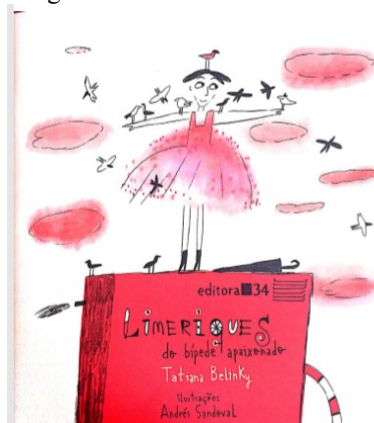
Em *Limeriques do bípede apaixonado* (2004), conhecemos a história de um bípede que se desdobra em muitas fantasias para conquistar uma bípede que só gosta de bichos. Dessa maneira, ele deseja se transformar em cão, peixe, macaco, dromedário, entre outros animais, para assim chamar a atenção de sua amada. O livro, como já dito, é ilustrado pelo artista chileno Andrés Sandoval, que apresenta as personagens como um rapaz e uma moça. As imagens dão cores aos pequenos poemas rimados de Tatiana Belinky. A capa remete à dúvida, à solidão, pois o rapaz solitário está refletindo com um balão do pensamento ao alto da sua cabeça, possivelmente, pensando nas estratégias para cativar a moça. Nesse balão, existe uma sumarização dos acessórios que comporão os elementos visuais dos poemets que virão.

Figura 1 - Reprodução fotográfica da Capa de *Limeriques do bipele apaixonado* (2004)



Já na folha de rosto, podemos observar que, pelas nuvens e pelos passarinhos presentes, trata-se do mesmo cenário da capa; a moça também está sozinha, no entanto, aparentemente feliz, despreocupada e rodeada de passarinhos, o que reforça a presença de animais na narrativa.

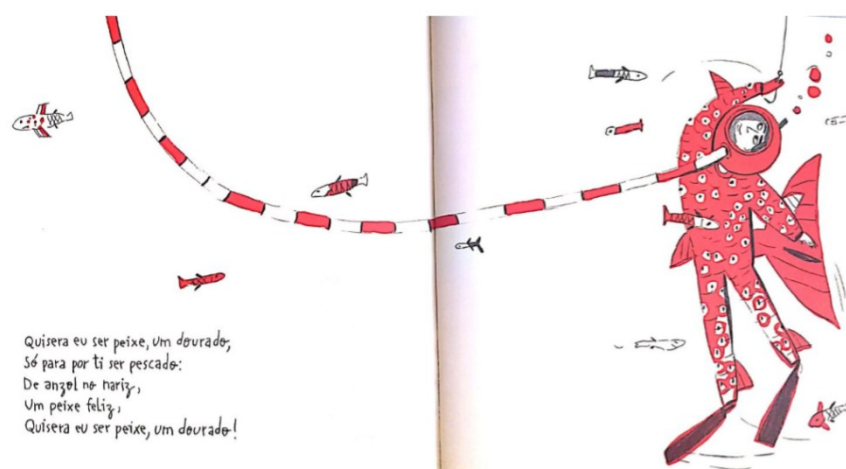
Figura 2 - Reprodução fotográfica da folha de rosto de *Limeriques do bipele apaixonado* (2004)



Apesar de os poematos poderem ser lidos separadamente, eles vão formando uma história. O limerique de abertura do livro é como se fosse uma introdução do que iremos ver nas próximas páginas, pois nos diz que a moça gosta de bichos e oferece a eles carinho e capricho; o rapaz deseja ser tratado da mesma forma, e, para conseguir tal proeza, deseja ser também um animal. Vemos, em seguida, o progresso e a evolução das investidas do rapaz e a resistência da moça.

No que tange à disposição das ilustrações, elas vão ao encontro dos limeriques na página seguinte, ocupando, desse modo, a que a antecede e a que está com o poemeto, e vice-versa, ora descrevendo a reação da moça e o bicho mencionado nos versos, ora só o rapaz com as suas engenhosas fantasias (cf. Figura 3), cumprindo, dessa maneira, uma “[...] função representativa, quando imita a aparência do ser ao qual se refere; [...]” (CAMARGO, 1999, *on-line*).

Figura 3 - Reprodução fotográfica da ilustração que acompanha o limerique sobre o peixe.



Como já fora mencionado, no início da narrativa, há um distanciamento entre os personagens. No início das ilustrações, a moça nem olha para o rapaz, só quer saber do seu cachorro. O diálogo texto imagem se constitui num aspecto central para apreciação do livro. Conforme observam Nicolajeva e Scott (2011, p. 15), “[t]anto as palavras como as imagens deixam espaço para os leitores/espectadores preencherem com seu conhecimento, experiência e expectativa anteriores, e assim podemos descobrir infinitas possibilidades de interação palavra-imagem.”. O ilustrador, diante do texto, cria situações, imagens que preenchem certos vazios presentes nos poemas. Com o avançar das investidas do rapaz, a moça começa a fugir dele, como na ilustração do lobo feroz, em que se percebe a ausência dela e o seu guarda-chuva jogado ao chão. Textualmente sabemos apenas do desejo da personagem, não sabemos de possíveis aproximações.

Figura 4 - Reprodução fotográfica da ilustração que acompanha o limerique sobre o lobo feroz.



Em seguida, ela já aparece mais próxima do rapaz, demonstrando que as estratégias dele podem ter tido um resultado positivo, a exemplo da estampa do poemeto do crocodilo, como podemos ver a seguir:

Figura 5 - Reprodução fotográfica da ilustração que acompanha o limerique sobre o crocodilo.



Por fim, na parte do ornitorrinco, a moça já se rende e aparece olhando para o rapaz, que revela, finalmente, ser um simples bípede humano à espera de seu sim.

Nesses exemplos, a representação gráfica carrega uma “[...] função expressiva, quando revela sentimentos e valores do produtor da imagem, bem como quando ressalta as emoções e sentimentos do ser representado; [...]” (CAMARGO, 1999, *on-line*). Com isso, nas últimas ilustrações, já aparecem os dois juntos, em sintonia. Nesse viés, cabe salientar como elas enriquecem e dão ainda mais cor aos limeriques belinkynianos. Ocorreu aqui, com o processo ilustrativo, o preenchimento de lacunas, conforme asseveram Nicolajeva e Scott:

O texto verbal tem suas lacunas e o mesmo acontece com o visual. Palavras e imagens podem preencher as lacunas umas das outras, total ou parcialmente. Mas podem também deixá-las para o leitor/expectador completar: tanto palavras como imagens podem ser educativas a seu modo e independentes entre si. (NICOLAJEVA; SCOTT, 2011, p. 15).

Destaque-se que há, em alguns limeriques que compõem a obra, a repetição do primeiro e do último verso, ratificando o desejo do garoto de ser notado pela garota:

Quisera eu ser um elefante

Pra ser teu amigo gigante,

Às vezes sisudo

Mas nunca “trombudo”!

Quisera eu ser um elefante

(BELINKY, 2004, n.p., grifo nosso).

Entre os 13 limeriques, 9 seguem essa estrutura de repetição do primeiro e do último verso, e em apenas 4 não há esse esquema. Tal construção explicita o tom enfático do desejo do rapaz. À medida que a leitura avança, o leitor mais atento consegue verificar facilmente uma atmosfera de romance, tanto nos desejos do rapaz em ser um animal para ficar mais perto da moça, quanto nas ilustrações que expressam as reações dela. Importante lembrar que essa aproximação dos dois é um preenchimento trazido pela ilustração, uma vez que textualmente não está posta. Ocorre aqui o que Linden, refletindo sobre livro ilustrado, comenta sobre que o texto e a imagem “às vezes se ignoram, se contradizem (...) mas não podem ser compartimentados ou separados por

completo.” Portanto, trata-se de “apreciar a ocupação do espaço dessas duas linguagens, suas características próprias, suas disposições, os efeitos de ressonâncias ou contraste...” (LINDEN, 2011, p. 92). Há, portanto, nas ilustrações, ressonâncias que são formas de preenchimento propostas pelo ilustrador e que podem ter um efeito significativo junto aos leitores jovens.

Figura 6- Reprodução fotográfica da gravura que ilustra o encontro dos personagens do livro



No último limerique, já em tom de conclusão e de reflexividade, percebe-se que há uma mudança na atmosfera que vem sendo construída pela ilustração, uma vez que não há mais a presença dos bichos. O rapaz, em sua simplicidade, revela ser um bípede apaixonado e pede que a moça deixe-o amá-la.

Até aqui vimos lendo a obra na sua integralidade de texto e imagem. No entanto, lido apenas as palavras, isto é, os limeriques sem a presença das imagens, algumas percepções podem ser diferenciadas. Primeiro, o que sabemos da moça é que ela “gosta de bichos” e lhes trata “com carinho e capricho”. Mas, sobre o rapaz, o que sabemos, sobretudo, é que ele deseja ser reconhecido, visto, amado por ela. A própria construção da maioria dos poemas, como vimos, repete, “Quisera ser” no primeiro e último verso. Conhecendo o gosto da garota pelos animais, o eu lírico deseja transmutar-se neles para possivelmente ser visto, ser tratado como ela os trata.

Ao longo do livro são elencados os animais e as referidas possibilidades de aproximação. Queria “ser um peixe dourado” para “ser pescado” por ela e, claro, tornar-se “um peixe feliz”. Se fosse um cão, além de “lamber tua mão”, “iria latir de alegria”. A cada metamorfose do desejo, o eu lírico expõe um gesto, uma delicadeza: ora é o sorriso do golfinho “seguir-te nadando”; ora o “leão zangado”, mas “humilde e contente”; ou a melancolia do “Lobo feroz”, cujo uivo é “Lamento/ de ti tão saudoso!”; ou “um crocodilo” para mostrar-lhe “as belezas do Nilo”. Ou ainda “um macaco/Para ti divertir,/ Para ti fazer rir.” Há, portanto, no bípede apaixonado, uma delicadeza que mobiliza a fantasia, a imaginação para realizar seus desejos.

Ao final, ele, como que cai em si e se revela como é: “Um bípede, humano, enfim!”, pede para ser aceito como é: “Me deixe te amar/ Mesmo tal como sou: dize SIM!”. Na leitura dos poemas, não sabemos se haverá um encontro, se seu desejo vai se realizar. Fica em aberto essa possibilidade, diferentemente da ilustração que ao longo da obra vai construindo uma atmosfera de aproximação, de final feliz (cf. Figura 6). Nesse sentido, o livro pode oferecer diferentes leituras, a partir do horizonte de expectativa dos leitores bem como do temperamento do cada um. A temática da paixão – juvenil ou não –, tão difícil de ser tratada sem que se caia no melodramático, tem nessa obra uma abordagem diferenciada, calcada no bom-humor, permeada de fantasia e delicadeza.

Considerações finais

A poesia infantil de Tatiana Belinky ainda é pouco estudada pela nossa tradição acadêmica, como a poesia infantil em geral, salvo a obra de alguns poetas como José Paulo Paes, Sérgio Caparelli e Cecília Meireles. Como pudemos observar, Tatiana Belinky explora um caminho marcado pelo lúdico, pelo brincalhão, sem dar nenhum aceno para a poesia pedagogizante. Destaque-se a contribuição que nos traz ao utilizar uma forma – o limerique – que vem de outra língua e que se adequa aos ritmos e andamentos de nossa tradição lírica.

A criação literária de Belinky é “[...] recheada de ousadias, criatividade e, sobretudo, de literariedade, renovando o imaginário e, por isso mesmo, deixando-o sempre vivo.” (FERREIRA; VALENTE, 2013, p. 93). Ao apreciar os inúmeros limeriques produzidos pela autora, enxerga-se a proposta poética que permeia grande parte de sua obra: o diálogo da gratuidade, do jogo, da provocação, o uso dos recursos sonoros, etc.

O fazer poético de Belinky, como ela mesmo disse em entrevista publicada na revista *Na Ponta do Lápis* (2009), vem da inspiração proporcionada pelas próprias crianças, e ter a capacidade de absorver e observar foram o trunfo para o sucesso da sua obra: “[o] importante é abrir os olhos, os ouvidos; sentir cheiro, prestar atenção em tudo. Não olhar para as coisas sem enxergá-las.” (BELINK, 2009, p. 5). Vemos, no discurso poético posto em *Limeriques do bípede apaixonado* (2004), um observar cuidadoso ao representar o desejo de aproximação do rapaz pela garota, e conseguimos perceber como a poesia é arte e pode preencher o leitor de um universo de desejo, de fantasia e de beleza, de modo lúdico.

No que diz respeito às ilustrações, é possível observar que ostentam forte ligação com o texto, já que elas ora repetem, ora complementam ou expandem os limeriques. Dessa forma, a representação gráfica se relaciona com o texto verbal sem precisar explicá-lo, permitindo às crianças interpretações que sejam exclusivamente delas. Ademais, o emprego das cores e do *design* gráfico tornam o livro bastante atraente, elementos que unidos ao lirismo e ao humor ajudam no despertar para a leitura, estimulando a imaginação e a criatividade.

Deixamos como proposta para trabalhos futuros a elaboração de estratégias de leituras que envolvam o livro aqui analisado, abarcando também sua versão adaptada para o teatro. Os poemas do livro ganharam uma versão musicada que pode ser encontrada no *youtube*, no canal da cantora Fortuna,⁵ agregando, dessa forma, mais diversão e encantamento à poesia infantil belinkyniana.

O “caldeirão” da poesia voltada para crianças produzido por Tatiana Belinky ostenta um viés lúdico, um apelo à fantasia, fugindo de qualquer possibilidade de um enquadramento pedagogizante. Neste sentido, sua obra necessita de maior divulgação e apreciação crítica. Esperamos estar contribuindo para uma leitura mais detida da obra da poetisa.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DfYb5oYELQ4>. Acesso em: 21 jan. 2020.

Referências

BELINKY, T. *Limeriques do bípede apaixonado*. Ilustrações de Andrés Sandoval. São Paulo: Ed. 34, 2004.

_____. *Tamanho não é documento*. Ilustração Flávio Fargas. São Paulo: Paulinas, 2007. (Coleção Teatro de Papel)

_____. *Teatro para a juventude*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

_____. (Tradução e adaptação) *Di-versos russos*. Ilustração: Claudia Scatamacchia. São Paulo: Scipione, 1990.

_____. (Tradução e adaptação) *Di-versos hebraicos*. Ilustração: Claudia Scatamacchia. São Paulo: Scipione, 1991.

_____. (Tradução e adaptação) *Diversos alemães*. Ilustração: Cecília Iwashita. São Paulo: Scipione, 1993.

_____. *Desastreliques*. Ilustração: Liliane Romanelle. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2000.

_____. *Mandaliques (com endereço e tudo)*. Ilustração: Guto Lacaz. São Paulo: Editora 34, 2001.

_____. *Limeriques da cora implicante*. Ilustração: Elisabeth Teixeira. São Paulo: Paulinas, 2006.

_____. *Língua de criança: limeriques às soltas*. Ilustração: Claudia Scatamacchia. São Paulo: Global, 2011.

_____. *Limeriques estapafúrdios*. Ilustração: Catarina Sobral. São Paulo: Editora 34, 2014.

_____. *Quadrinhas*. Ilustração: Yara Kono. São Paulo: Editora 34, 2014.

_____. *Um caldeirão de poemas*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.

_____. *Um caldeirão de poemas*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012.

_____. *Escrevendo o Futuro*. Revista Na Ponta do Lápis: Ano V, Número 12, dezembro de 2009. Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/EscrevendoFuturo/arquivos/977/NPL12.pdf> Acesso: 25/06/2021.

BORDINI, M. G. A poesia e seus usos na infância. In: BARBOSA, Márcia Helena Saldanha; BECKER, Paulo (org.). *Questões de literatura*. Passo Fundo: UPF, 2003.

CAMARGO, L. *A relação entre imagem e texto na ilustração de poesia infantil*. Palestra apresentada na Universidade de Karlstad, Suécia, em outubro de 1999.

Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/poesiainfantilport.htm>. Acesso em: 10 jan. 2020.

CAMARGO, L. Poesia infantil no Brasil. In: *Revista De Crítica Literaria Latinoamericana*, vol. 27, no. 53, 2001, p. 87–94. Disponível em: <http://www.blocosonline.com.br/literatura/prosa/artigos/art021.htm>. https://www.jstor.org/stable/4531150?readnow=1&refreqid=excelsior%3A140bc8315627bfc30184107431744183&seq=8#page_scan_tab_contents. Acesso em: 21 mar. 2020.

COELHO, Nelly Novaes. Apresentação – o mapa do tesouro de Tatiana. In: BELINKY, Tatiana. *Um caldeirão de poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 5.

FERREIRA, E. A. G. R. Por uma piscadela de olhos: poesia e imagem no livro infantil. In: (org.). *Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

FERREIRA, E. A. G. R. VALENTE, T. A. Limeriques de belinky ou uma poetisa que deixa saudades. In: *Revista VALE Arte, Ciência, Cultura*, n° 7, Assis, SP, 264p. 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Lucinea_Villela2/publication/283082984_Legendagem_como_recurso_pedagogico_no_ensino_de_linguas_para_Cursos_de_Comunicacao_Social/links/59d4f3adaca2721f436ff9f0/Legendagem-como-recurso-pedagogico-no-ensino-de-linguas-para-Cursos-de-Comunicacao-Social.pdf#page=84. Acesso em: 17 jan. 2020.

LINDEN, Sophie Van der. *Para ler o livro ilustrado*. Trad. Dorothée de Bruchard. São Paulo: COSAC NAIFY, 2011.

MORAES, Vinícius. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1987.

MOTA, S. *Limerique: teoria literária*. Disponível em: <https://www.silviamota.com.br/visualizar.php?id=5655170>. Acesso em: 06 jan. 2020.

NICOLAJEVA, M.; SCOTT, C. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

SOUZA, Ana Lúcia Maria de. Uma viagem ao universo infantil com Henriqueta Lisboa. In: PINHEIRO, Hélder (org.). *Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões*. São Paulo: Duas Cidades, 2000, p. 65-80.

VALENTE, Thiago A. Gêneros poéticos na escolar de hoje. In: AGUIAR, V. T. de e CECCANTINI, J. L (org.). *Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.